

## PROJETO PIBIC: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS PARA CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PSICOSSOCIAL DA REDE PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE – PB”

Maria Luisa Barros Santos Lucena<sup>1</sup>

Ana Clara Ribeiro Cabral e Mota<sup>2</sup>

Mychel Estalone Soares Faustino<sup>3</sup>

Orientador: Gilvan de Melo Santos<sup>4</sup>

Co-orientadora: Juliana FôNSECA de Almeida Gama<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar os significados psicológicos dos contos de fadas atribuídos por crianças em situações de risco psicossocial da rede pública de Campina Grande-PB, através da promoção de produções artísticas. Ao questionar que significado as crianças iriam atribuir aos contos, queríamos problematizar: será possível verificarmos variações míticas e narrativas nas produções artísticas destas crianças em relação ao conto original? A pesquisa configurou-se como uma pesquisa-ação, descrita por Thiollent (1985) como um tipo de pesquisa social no qual todos estão envolvidos de modo cooperativo. Produções e manifestações artísticas funcionaram como instrumentos de coleta de dados. Os contos trabalhados foram: João e Maria, Pinóquio e Os Três Porquinhos, clássicos da literatura infantil. Como base de análise dos dados foram utilizados os aportes teóricos-metodológicos da mitocrítica de Gilbert Durand, da psicanálise de Sigmund Freud e da Logoterapia de Viktor Frankl. Pretendeu-se com esta pesquisa apresentar, empiricamente, a importância de se trabalhar os contos de fadas com crianças em situações de risco, bem como disponibilizar para a instituição parceira, uma metodologia de trabalho com os contos de fada, a fim de que elas possam realizá-las em seu cotidiano, melhorando o desenvolvimento de atividades lúdicas e acadêmicas com os seus usuários. Dentre os resultados obtidos da atuação feita, foram alcançados os objetivos inicialmente propostos, tendo sido possível investigar elementos divergentes nas produções das crianças quanto aos contos originais e o porquê dessa variação, sendo analisadas nas discussões.

**Palavras-chave:** Crianças em situação de risco. Significado. Contos de fadas

### INTRODUÇÃO

O que chamamos de mito, segundo Durand (2004), é uma combinação de falas, imagens e símbolos, de forma que, o que importa não é a sequência do relato, mas o significado

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, malubasan14@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, anaclararcota@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, scottestalone@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gilvanmusic@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora co-orientadora: Mestre da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, julianafgama@hotmail.com;

simbólico que atribuímos a ele, visto que, no próprio mito, antes de haver uma cronologia linear, o que há é uma “linearidade significativa”, tornando a narrativa um significado linguístico não aleatório, singular.

Os contos de fadas, então, primariamente, têm como fio condutor uma estrutura mítica, e aquilo que extraímos deles passam a ser variações significantes do seu “núcleo duro” inicial. Assim, quando se escuta, quando se conta, quando se reconta e/ou se lê um conto de fadas, não podemos nos apartar do mito que o fundamenta, mas, em paralelo, não podemos perder de vista aquele que lê e lhe atribui uma significação ímpar a partir de sua constituição subjetiva singular, na leitura das crianças, como se expressaram a partir da narração dos contos de fada no decorrer das atividades simbólicas, relacionando elementos das histórias a situações experienciadas na vida real (CRUZ, 2014).

Diante dessa configuração e da real relevância dos contos de fada para a construção da fantasia e elaboração das mais variadas questões humanas, sobretudo na infância, esta pesquisa busca analisar os efeitos que os contos de fadas têm ou podem ter na vida cotidiana das crianças em situação de risco psicossocial, a partir dos significados atribuídos por elas às narrativas, após momentos de contação.

Para tanto, tem-se como bases teóricas a obra “A psicanálise dos contos de fadas” (BETTELHEIM, 2014), a qual apresenta os contos como uma alternativa de suporte psicanalítico; a Análise Existencial de Viktor Emil Frankl (1905-1997) e sua articulação com a “terapia narrativa”, bem como o aporte teórico das “Teorias Antropológicas do Imaginário” de Gilbert Durand (1921-2012), em específico, questões relativas ao mito e suas variações.

Além disso, foram consideradas as discussões atuais sobre a condição psicossocial das crianças em situações de risco, reconhecendo-se, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Art. 4º, que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Assim sendo, foram consideradas, para este trabalho, crianças que apresentaram privação dos direitos básicos ora mencionados, aqui apontadas como crianças em risco psicossocial, por reconhecer a relevância de um trabalho de identificação e suporte nos processos de elaboração, por parte das mesmas, frente aos traumas ocasionados pela negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão em relação aos seus direitos fundamentais.

A presente pesquisa pretendeu colaborar para a construção de um entendimento mais assertivo e coerente sobre a realidade das demandas subjetivas e objetivas de seus participantes, de modo a facilitar a validação e implementação de propostas de suporte terapêutico melhor adaptadas às especificidades dessa amostra estudada, possibilitando uma melhora significativa da qualidade de vida dos participantes a longo prazo. Também se buscou uma ampliação, ao nível acadêmico, da qualidade da produção bibliográfica nesta área, contribuindo para o aprofundamento das discussões teóricas sobre o tema. Importante destacar que foi resguardada, ainda, ao participante, o direito inalienável de recusa de sua participação na pesquisa a qualquer momento e sem nenhum ônus.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho visa relatar a experiência da bolsista do PIBIC e seus colaboradores/orientadores na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire que ocorreu de maio a junho de 2019. Caracterizou-se por uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, após aceitação por parte do comitê de Ética da própria Universidade, a qual foi realizada junto à referida escola, que atende a alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica no município de Campina Grande-PB. Participaram desta pesquisa 11 (onze) crianças de ambos os sexos, com idade entre 08 (oito) e 10 (dez) anos, consideradas em situação de risco psicossocial e estudantes da instituição supracitada, sendo selecionadas a partir de amostragem aleatória simples. Para aceite da criança como participante da pesquisa, foram necessárias as assinaturas do menor e de seu responsável legal no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisa contou com os seguintes procedimentos: Após a devida identificação dos pesquisadores, foi perguntado ao responsável da criança se desejava conhecer a proposta da pesquisa, sendo então devidamente informado sobre todos os aspectos relativos ao projeto. Tendo confirmado o interesse de participar da pesquisa, foi apresentado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde teve acesso às demais informações e direitos que lhes são assegurados. *A posteriori*, os pesquisadores também foram apresentados à criança, que tiveram igualmente a oportunidade de conhecer a mais do projeto e expressar se desejava, de fato, participar dele. Sem o consentimento livre e espontâneo da criança, sua participação na pesquisa não seria requisitada.

Posto assim, foram realizadas 03 (três) rodadas de 02 (dois) encontros não-sequenciais, em datas e horários fixados junto à administração do órgão, preferencialmente em ambiente

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

seguro, reservado e amplo, segundo a disponibilidade das instalações físicas da referida instituição de acolhimento. O início das atividades foi dado mediante a presença de todos os pesquisadores e participantes em cada um dos encontros. Os contos trabalhados foram: João e Maria, Pinóquio e Os Três Porquinhos.

Cada reunião foi organizada a partir das seguintes etapas: no primeiro momento, os pesquisadores fizeram a contação do conteúdo de 01 (um) dos 03 (três) contos para as crianças; no segundo momento, todas as crianças foram convidadas a participar de uma das 04 (quatro) modalidades de produção artística propostas realizadas na ordem, reescrita, desenho (no primeiro encontro daquela história), recontação oral e dramatização (no encontro seguinte), entre elas havia a recontação da história; após isso, no momento final, havia o recolhimento do material produzido e o encerramento do encontro. Num total de 07 reuniões, cada conto foi recontado, então, em 02 (duas) reuniões distintas, de modo a dar conta das 04 (quatro) modalidades de produção artística propostas (feitas duas no primeiro dia do conto, e duas no segundo dia do mesmo), reservando-se o sétimo dia para avaliação e realização de novas coletas por parte dos pesquisadores. Como este sétimo dia não foi possível, somente foram realizados 06 (seis) encontros.

Durante o processo de produção, realizou-se tanto a escuta psicológica, onde não se buscou fazer quaisquer inferências, quanto o diálogo socrático, técnica específica da Logoterapia, onde o terapeuta através de questionamentos busca possibilitar ao sujeito a descoberta dos significados, mensagens e estados anímicos, oriundo dos conteúdos apreendidos (XAUSA, 2003). Além disto, os pesquisadores utilizaram-se da observação ativa dos comportamentos das crianças ao longo dessas atividades e registro em diários de campo. Posteriormente, todos os dados foram transcritos para análise.

Quando finalizado o processo de coleta dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos para fins de análise: Inicialmente foi definido o “mito original” de cada conto de fada analisado: João e Maria, Pinóquio e Os Três Porquinhos. Para definir o “mito original” dos referidos contos, foi utilizada a mitocrítica de Gilbert Durand, crítica que tenta pôr a descoberto o que está por detrás do texto ou conjunto de textos de uma época (poema, romance, peça de teatro, música, filme, jornal, etc), um núcleo mítico ou uma narrativa fundamental (DURAND, 1982).

Como segunda etapa foram analisadas as produções artísticas das crianças. Para se apreender as diluições ou variações míticas nas produções dos interlocutores (as crianças), foram identificadas imagens ou representações manifestadas que excedem o “mito original”.

Num terceiro momento foram analisados os conteúdos dessas manifestações. A análise destes conteúdos teve por base os aportes teóricos da Psicanálise e da Logoterapia. A psicanálise possibilitou o estudo acerca de sintomas, traumas, pulsões e complexos; enquanto os aportes teóricos da Logoterapia possibilitou o estudo acerca dos valores de vivência, responsabilidade, consciência ética, autotranscendência, entre outros.

## DESENVOLVIMENTO

A motivação desse projeto de pesquisa surgiu a partir de leituras, experiências clínicas e discussões de caso que geraram grandes questionamentos acerca do conteúdo mencionado, representando alto valor e impacto social. Acredita-se que esse estudo é de grande relevância em razão do desenvolvimento afetivo envolvido, sendo ele psíquico, físico, moral e social. Sendo assim, esse afeto, por vezes negligenciado na infância, desconsiderando-se os direitos básicos de todo ser humano, é motivo de preocupação. Por esse motivo, destaca-se a importância de investir nas crianças para potencializar seu futuro bem-estar.

Marie Louise Von Franz (1990) exprime a ideia de que “o estudo dos contos de fada é essencial para nós, pois eles delineiam a base humana universal”. Afinal, quem nunca leu, ou escutou a narração, e não se colocou no lugar do mocinho da história, vivendo assim suas aventuras? Ou formando as suas próprias? Segundo Bettelheim descreve (2018, p. 69-70), os contos de fada podem fornecer respostas a questões de ordem existencial, tais como: “Quem sou eu? De onde vim? Como surgiu o mundo? Quem criou o homem e todos os animais? Qual é o sentido da vida?”, além de outras questões do tipo: “Seus pais são benévolos? Como ela poderia formar a si própria, e por quê? Há esperanças para ela, embora possa ter agido errado? Por que tudo isso lhe aconteceu? O que significará para seu futuro?”. Para o mesmo autor, “boa parte delas a criança só toma consciência à medida que acompanha histórias”.

Portanto, ao questionar que significados as crianças em situação de risco psicossocial irão atribuir aos contos, através de suas produções artísticas, queremos observar e analisar: por que surgiram essas variações míticas e narrativas nas produções artísticas das crianças em relação ao conto original? Em outras palavras, quais foram as recorrências míticas e quais foram as atualizações advindas dos significados atribuídos aos contos por estas crianças? Frente às singularidades produzidas pelas mesmas, visa-se a identificação das estratégias que forem utilizadas para elaborar questões pessoais, traumáticas ou não. Em seguida, propõe-se a colaboração na invenção e criação de uma estratégia terapêutica e educacional que favoreça o bem-estar das crianças através dos contos de fada, dentro do contexto no qual estão inseridas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne aos resultados da atuação feita, foram alcançados os objetivos inicialmente propostos, tendo sido possível investigar elementos divergentes nas produções das crianças quanto aos contos originais e o porquê dessa variação. Através da pesquisa, foi também possível investigar a subjetividade da criança, seus conflitos intrapsíquicos e suas respectivas reelaborações a partir de seus “faróis de sentido” ou mecanismos de defesa, haja visto o referencial teórico estar embasado na teoria Psicanalítica e Logoterapêutica. Durante os 06 (seis) encontros, tais elementos divergentes foram investigados cientificamente sem perder de vista o devido acolhimento, o caráter observacional e a escuta cuidadosa primordiais na pesquisa da área psicológica.

Durante os dias de aplicação da pesquisa, a presença dos participantes variou devido faltas comum por motivos pessoais. Ao iniciar, foram realizadas as devidas apresentações da proposta de pesquisa, dos materiais e dos métodos. Em seguida, houve a contação das histórias e aplicação de uma das manifestações artísticas, no caso, a primeira era o desenho; depois havia contação da história novamente, por parte dos pesquisadores, e aplicação da segunda manifestação, a recontação escrita. No segundo encontro, havia a contação da história e aplicação da terceira manifestação, a recontação oral, após isso, havia contação da história novamente, e por fim, a aplicação da última manifestação - a dramatização - encerrando assim, a rodada. As demais rodadas repetiam o modelo descrito anteriormente.

Parte da análise mitocrítica dentro da metodologia do projeto concerne na caracterização de cada conto singularmente, que de acordo com Ribeiro (2019), no que tange ao conto Pinóquio, o mito basilar: Mito da inocência perseguida; o Mito específico: O mito do herói como processo iniciático e o mito da busca no lugar desconhecido; e a Estrutura: Sintética ou dramática. Já conto Os três Porquinhos, o Mito basilar: Mito da inocência perseguida; o Mito específico: O mito do herói como processo iniciático, e a Estrutura: Sintética ou dramática. Por fim, em João e Maria, o Mito basilar: Mito da inocência perseguida; o Mito específico: O mito Feminino e do Masculino Terrível, A Grande Mãe Devoradora e o mito da busca no lugar desconhecido; e a Estrutura: Sintética ou dramática.

Concluído o levantamento de dados a partir dessa metodologia elaborou-se uma tabela com as sincronidades e diacronicidades de cada conto em cada manifestação artística realizada, emergidas através do processo de subjetivação dos participantes frente às atividades trabalhadas. Desse modo, para elucidar o material recolhido, foram separados para a análise,

grupos de diacronicidades semelhantes. Nesse sentido, identificaram-se adições, subtrações e distorções dos contos que poderiam supostamente representar um diálogo do participante entre a sua realidade e a descrita no conto. Assim, a análise foi conduzida de modo a teorizar sobre esses dois grupos que unem-se num mesmo motivo e sentido interpretativo.

Com base nos resultados expostos da primeira tabela sobre o conto *Pinóquio*, foram identificadas 48 (quarenta e oito) diacronicidades, sendo elas tanto consideradas como adições, subtrações e distorções do conto, como uma possível aproximação da realidade com o referido conto. Um dos participantes da pesquisa, em sua reescrita do conto, colocou o seguinte título: “Pinóquio e Gepeto”, e logo em seguida no primeiro parágrafo do texto usou a frase: “Pinco é Gepeto”, ou ainda a frase de outro participante, assim escreve: “Gepeto queria ter um filho, e então apareceu Pinóquio”; sobre isso, podemos inferir que a experiência de um valor criativo não é somente mera produção do sujeito, mas é a entrega do próprio sujeito ao mundo, na medida em que, aquilo que faz é um algo de si trazido à existência de modo a afetá-la e modificá-la de maneira única e irrepetível. Outrossim, fez-se presente na expressão subjetiva do participante este desejo do valor de vivência, que se implica de modo direto com o sentido do amor, o qual “deve ser entendido como uma possibilidade privilegiada e intransferível de realização existencial” (MARINEZ, 2003, p. 38). Os participantes, deste modo, ao colocarem os personagens juntos na titulação e iniciar o conto com a relação de filiação, ressaltam o amor no vínculo entre eles.

É notável a relação de filiação instituída logo após o encantamento do boneco demonstrada nas instruções de cuidado com Pinóquio acerca da sua educação e sua segurança. Nesse sentido, a teoria psicanalítica é construída no entendimento das figuras materna e paterna, as quais possibilitam o sujeito adentrar no mundo. Essa figuração, no entanto, não está relacionada a uma pessoa ou a um sexo, mas sim a uma função empenhada e a um lugar ocupado. Assim, Gepeto coloca-se na função de pai e determina regras a serem seguidas (BORGES, 2005). Em contraponto, na forma diacrônica, corroborando com essa inferência, apareceram em um dos desenhos, Gepeto e Pinóquio representados como tendo aparentemente a mesma faixa etária e característica. Infere-se, então, que ao terem a mesma faixa etária e característica, há, movida pela projeção do interlocutor na estória, a construção de um valor, ou seja, um valor de vivência (FRANKL, 2003), através do processo de identificação entre interlocutor e personagem.

No que se refere à aproximação da realidade que pode ter havido nas diacronicidades, algumas foram mais relevantes como em um dos desenhos em que a cor da pele do personagem Pinóquio era igual à cor do participante que o pintara; em outro desenho, no qual o mesmo

personagem tinha manchas no corpo; ou em outro no qual os ladrões, que eram no conto uma raposa e um gato, foram representados como humanos. Outro aspecto que vale destacar é a formatação das casas, onde uma possuía o nome “casa” na porta, outra tinha o nome do participante no telhado e outra tinha um correio na sua lateral. Na reescrita, uma participante colocou ao final do seu texto a seguinte frase: “e foi assim que eu fiz”, ao passo que num dos grupos da dramatização, duas participantes representaram o papel da fada azul. Sobre isso, podemos inferir que essas distorções da narrativa foram expressas na tentativa de subjetivação da manifestação artística que estava sendo realizada, tendo assim o modo interpretativo e assimilativo da história aspecto subjetivo e individual em relação a cada participante. No caso específico, tanto a “casa construção” quanto a “casa corpo” adquiriram feições singulares, a partir da capacidade projetiva de cada interlocutor, passíveis de serem exploradas na análise psicológica dos sujeitos.

Na segunda tabela, referenciada ao conto dos *Três Porquinhos*, foram identificadas 29 (vinte e nove) diacronicidades. Assim como no conto anterior, foram observadas distorções, subtrações e adições da narrativa, dentre elas, várias referentes à ordem etária dos irmãos e a caracterização respectiva de cada um deles. No entanto, como diacronicidade só houve uma na recontação oral, através da seguinte frase: “Eu achei que o mais preguiçoso fosse o maior, o porquinho mais velho”, denotando assim uma perspectiva etária oposta acerca da caracterização dos irmãos, pois o irmão mais velho era justamente o mais trabalhador ao passo que, movidos pelo princípio do prazer, os porquinhos mais novos buscaram gratificação imediata, sem pensar no futuro e nos perigos da realidade (BETTELHEIM, 2018). Portanto, podemos inferir que aspectos subjetivos e projetivos possivelmente tenham diluído o mito fundante do referido conto, distorcendo as caracterizações dos irmãos.

Na concepção mítica original, os porquinhos mais novos eram movidos pelo prazer. Na perspectiva frankliana, o prazer é um epifenômeno do sentido, ou seja, a busca pelo desejo, movido pelo princípio do prazer, só se efetiva após frustrada a busca pelo sentido, motivação básica de todo e qualquer ser humano (FRANKL, 2011). Para Marinez (2003), quando se tem o sentido frustrado, tende-se a aumentar a vontade de prazer (MARINEZ, 2003). No desenho, a representação desta relação prazer vs sentido se deu pelas colorações distintas dos porquinhos.

Uma das incidências na reescrita emergiu, diacronicamente, e de modo enfático, na seguinte frase em relação ao lobo: “Vou para minha casa porque não vou ser devorado”, onde nela é perceptível observar por que o porquinho, movido pelo princípio da realidade, é capaz de adiar seu desejo de brincar, antes agindo de acordo com sua habilidade de prever o que pode acontecer no futuro (BETTELHEIM, 2018). Sendo assim, uma vez que trabalhava para não ser

pego, a casa tinha uma finalidade ou o sentido de se proteger do lobo. A lição estava clara: a sua existência lhe valia mais do que o prazer momentâneo, uma vez que “ser-consciente e ser-responsável” era a evidência da passagem do “viver” para o “existir” (FRANKL, 2012, p.10). O interlocutor, então, compreende que o porquinho soube abrir mão de seu prazer em prol de um sentido: “não ser pego pelo lobo”. Possivelmente, os nossos interlocutores poderiam se perguntar: que outros prazeres poderiam ser substituídos por “sentidos” mais profundos? Na imaginação das crianças, “sentidos” são, normalmente, apreendidos através dos “valores”.

Na terceira e última tabela, a qual organiza os dados do conto *João e Maria*, surgiram 53 (cinquenta e três) diacronicidades. Dentre essas, as mais incidentes foram as adições, subtrações e distorções sobre a relação da bruxa com Maria. Na reescrita, na recontação oral e na dramatização surgiram referências diacrônicas quanto a caracterização dos serviços que Maria fora forçada a realizar pela bruxa. Inicialmente a história apenas diz a seguinte frase sobre o assunto: *“A bruxa porém prendeu o garoto numa enorme jaula e falou: – Trabalhará para mim. Mas por enquanto ainda está muito magrinho. E todos os dias dava-lhe uma comida gostosa. Enquanto isso, a bruxa obrigava Maria a trabalhar sem descanso.”*

No entanto, nas reescritas dos contos surgiram as seguintes falas: “E Maria ficou trabalhando arrumando a casa o dia inteiro”, “Maria se tornou sua empregada”, “Maria ficava limpando o chão”, “A velhinha prendeu eles e fez deles servos” e “João ficou preso em uma jaula e Maria era a faxineira”. Na recontação oral falaram: “fazia eles de escravos”, “fez Maria de faxineira”, “ela fez Maria de empregada” e “botou Maria de escrava dela”. Na dramatização do grupo 01 a “bruxa” pega uma vassoura e diz: “Maria você vai pegar essa vassoura e varrer a casa pra mim”. Desse modo, as distorções expostas são consideradas processos de subjetivação que visam a aproximação da realidade do conto ambientando-o na realidade do interlocutor. A função de empregada doméstica simbolicamente vista como escrava, é próprio da realidade social brasileira. Nestes contos atualizados através das produções artísticas, foram representados uma situação de opressão talvez vivida pelas crianças ou pelas suas mães. Linha de raciocínio esta, que pode ser evidenciada quando participantes do sexo feminino desenham um coração no peito de Maria e outro no da bruxa, mas não em João; ou ainda quando a bruxa foi caracterizada com aparência demasiadamente jovem. E também na recontação oral, quando uma das participantes referindo-se a uma das falas da bruxa para Maria, diz: “Menina não tenho tempo para perder aí ela fez: ah essas crianças não servem prá trabalhar!”

Mas quem seriam as bruxas e as empregadas dos contos contados pelas crianças? Possivelmente a patroa e a empregada. Desta forma, o destaque do simbolismo da “empregada”, representada na personagem “Maria”, remete a uma maior aproximação do conto com a

realidade das crianças. Ainda em João e Maria, na reescrita, a frase “Quando entraram na casa, ela não era de doce, era uma casa muito esquisita” foi posta em destaque. Cientes que a casa era de doces, o que levou os irmãos a entrarem na casa foi o desejo, nele prevalecendo a perda do caminho de volta, portanto, a escolha do prazer em detrimento do sentido. A ética da Logoterapia estava clara: Quanto mais se busca diretamente o prazer, a felicidade em si, mais se erra esse alvo (FRANKL, 2011); ao passo em que na análise psicanalítica entende-se que os irmãos foram movidos pela satisfação pulsional, nesse caso tendo como representante a comida. Pulsão, diz Freud, é “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático”; ou ainda, “é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (ROZA, 2009). No que se refere à expressão reescrita por algumas das crianças: “Maria aproveitou pegou as chaves e soltou o irmão”; ou ainda: “Maria puxou a chave da bruxa e salvou o irmão”, observou-se a obliteração da cena original quando Maria empurra a bruxa no sótão, revelando uma fragilidade no enfrentamento do tempo e da morte por parte dos nossos interlocutores. No entanto, pela mesma razão, dado o contexto de vulnerabilidade psicossocial dessas crianças, os seus imaginários indicam a busca pela superação dos conflitos e pela liberdade possível quando do escape daquilo que obstaculiza uma infância heroica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do projeto se deu através do apoio à escola no que concerne à disponibilização da proposta metodológica de trabalho com os contos de fada, a fim de que os (as) professores (as) possam realizá-la em seu cotidiano, melhorando, possivelmente, o desenvolvimento de atividades lúdicas e acadêmicas com os seus usuários, bem como favorecendo o bem-estar físico, psíquico e social dos mesmos.

Para os participantes ou interlocutores, a pesquisa proporcionou uma melhor compreensão das questões apresentadas, quais sejam, o desenvolvimento infantil, a subjetivação das dimensões psicossocial e espiritual, bem como também o enfrentamento da realidade no seu contexto vivencial ante a vulnerabilidade social que os atravessa; trazendo-lhes, portanto, a possibilidade de estruturar de maneira mais profunda e coerente suas escolhas, e viabilizando caminhos de reelaboração subjetiva para sua autonomia e bem-estar.

Do ponto de vista acadêmico, a experiência da iniciação científica proporcionou aos estudantes de psicologia o aprendizado acerca do desenvolvimento humano infantil, da importância da psicoterapia para crianças em contexto de vulnerabilidade e do papel da

interdisciplinaridade na construção de práticas inovadoras e efetivas de trabalho como foi a presente pesquisa em suas nuances.

Em relação a esta pesquisa específica que tece sobre a relação entre literatura e imaginário, a reescrita, a recontação, o desenho ou a dramatização, realizaram uma aproximação entre a realidade oriunda das representações individuais e o simbolismo das imagens. No que tange à análise das manifestações artísticas, seja aportada pela perspectiva logoterapêutica ou psicanalítica, este estudo evidenciou o quanto é importante esse tipo de trabalho pedagógico/psicológico, servindo de base para futuras pesquisas que poderão existir.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

BORGES, M. L. Soares Ferreira. **Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **O conto de fadas: símbolos mitos arquetípos**. São Paulo: DCL, 2003.

CRUZ, Dalízia Amaral. **Conta que eu conto: Percepções de Crianças sobre suas Experiências de Acolhimento**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, da Universidade Federal do Pará. Belém, 2014. Disponível em: <<http://ppgtpc.proresp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/dalizia%20cruz%202014.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

DOR, Joel. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Livrarias Taurus-Timbre Editores. Rio de Janeiro, 1991.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia**. Tradução de Hélder Godinho e Vítor Jabouille. Lisboa: Presença, 1982. (Coleção Clivagens, nº 7).

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Hélder Coutinho. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (coleção biblioteca universal).

\_\_\_\_\_. **O retorno do mito: introdução à mitodologia**. Mitos e sociedades. **Revista FAMECOS**, n 23, Porto Alegre, 2004.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal, número 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: [http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA\\_2017\\_v05\\_INTERNET.pdf](http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf). Acesso em 17 de maio de 2018.

FRANKL, V. E. **A Presença Ignorada de Deus.** 7ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido.** 25ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia.** São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANZ, Marie – Louise Von. **A interpretação dos contos de fada.** 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

GUBERMAN, M; SOTO, E. P. **Diccionario de logoterapia.** Buenos Aires: Lumen Hvmánitas, 2005.

MARINEZ, A. **El sentido de la vida em la obra de Viktor Frankl.** Madrid: Entrelíneas Editores, 2003.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1997.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Entrevista a Gilvan de Melo Santos.** Campina Grande, 26 de abril de 2019.

ROZA, L. A. G. **Freud e o inconsciente.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 1985.

XAUSA, I. A. M. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.